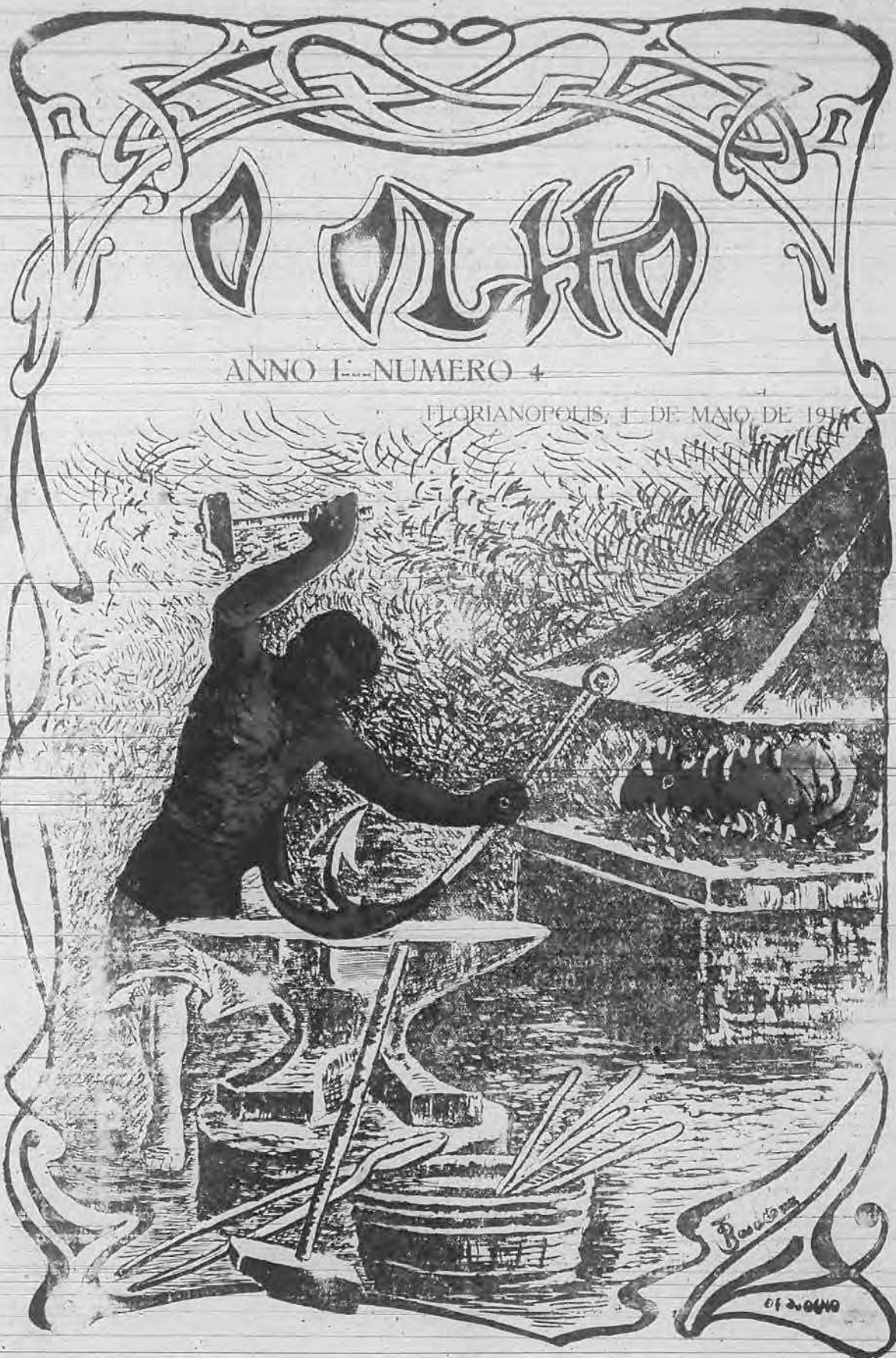




„O OLHO”
Semanario Illustrado
 Redacção--Administração--Officinas--RUA TENENTE SILVEIRA N.
Edmundo Silveira e Dario Gouvêa
 DIRECTORES

CAPITAL	(Anno 15\$000)	(Semestre 8\$000)
ASSIGNATURAS		
INTERIOR	(Anno 18\$000)	(Semestre 10\$000)
ATRAZADO 500 Rs.		
ANNUNCIOS		
1/2 pagina a 3 cores	18\$000	
1/2 " " 2 " e cliche	15\$000	
1/2 " " 1 " e cliche	12\$000	
1/2 " " simples com vinhetas	8\$000	
1/2 " " permanentemente 25 l.	15\$000	

Os annuncios gosarão dos seguintes abatimentos: 2 mezes 5 l., 6 mezes 15 l. e

NUMERO AVULSO 400 Rs.

São considerados nossos assignantes todas as pessoas que não devolveram o primeiro numero. A cobrança de assignaturas será iniciada após a distribuição do presente numero.

Só publicaremos annuncios em papel assetinado si os srs. annunciantes se sujeitarem ao pagamento da differença do preço do papel.



SEMANARIO ILLUSTRADO

ANNO I

FLORIANOPOLIS, 1 de Maio de 1916

NUM. 4

Datas memoraveis

Todo o Occidente commemora festivamente a 1º de Maio, o advento da incorporação do proletariado á sociedade moderna, reconhecendo-lhe o inegavel merito de ser um dos mais apreciaveis factores da civilização e do progresso humanos.

O 1º de Maio, com effeito, assignalando áquelle importantissimo facto da vida das nações, é uma data das mais memoraveis no dominio da historia dos povos cultos, porque a benemerencia dos obreiros, quaesquer, não a póde desconhecer ou menosprezar, a especie humana.

Por isso O OLHO, que outra cpusa não é que uma modesta casa de obreiros, todo coração, saúde effusivamente e cordealmente abraça os seus irmãos do Universo representados nos operarios de Santa Catharina. E, com o saudar os trabalhadores de todas as patrias, filhos da patria do trabalho e da paz, não esquece cumprimentar respeitosamente o Exmo. Sr. Senador Vidal Ramos, que, quando governo do Estado, revelando nobres sentimentos de sympathia á massa de trabalhadores que pensa na fraternidade da familia humana,--officialmente consagrou a data dos operarios, cumprimentos esses que tornamos extensivos aos dignos operarios srs. Euclides Schmīdt, João de Bittencourt Machado e Pedro Bosco propugnadores dessa alevantada idéa.

A 3, tambem de Maio, o Brasil commemora a supposta data que o navegador portuguez Pedro Alvares Cabral, *achou-o* a meio caminho de sua derrota para as Indias.

A verdadeira data do descobrimento do Brasil, que pelo Calendario juliano foi a 22 de Abril de

1500, soffrendo a correcção do tempo (e com despreso de fracções bem apreciaveis) para passar ao Calendario gregoriano (de 1582), seria 2 e não 3 de Maio como foi consagrado para coincidir com a festa da «Santa Cruz».

Mas si fossemos corrigir essa data, tão memoravel aos corações brasileiros, mistér seria corrigir tambem a prioridade do *achado* que de bom direito é descoberta de hespanhoes.

Antes de Cabral, que seguia o periplo africano caminho das Indias, e, apenas, a conselho de Gama, afastára-se da costa para evitar as calmarias da Guiné, cá estiveram, seguindo o cyclo occidental (el levante por el poniente) apoiados nos dados scientificos de Marco Polo e outros cosmographos do tempo, em Janeiro, Fevereiro e Março do grande anno, os irmãos Pinson, antigos companheiros de Colombo na jornada da descoberta da America.

Mas não foram estes os primeiros de quem nos falla a historia. Hojedà, Vespucio e Lebasa, em Junho de 1499, navegaram aguas brasileiras e marcavam aos 5º Lat. S.--uma terra alagada.

Ainda outro hespanhol, Diogo de Leppe, em Março de 1500, foi predecessor de Cabral no conhecimento das terras do Brazil.

Não fosse o «Tratado de Tordezillas» (1494) outra seria a historia do descobrimento da nossa amada patria.

Mas nada corrijamos; deixemos tudo como está. Antes, saudemos a patria na sua data official e façamos os melhores votos para que seja ella, como promette por seus valores naturaes e sua incomparavel posição geographica,-- a *Chanaan* do mundo moderno.

Estes são, d'O OLHO, os mais ardentes vo-

Um Morto Ilustre



Capitão Tenente Honorario

TRAJANO AUGUSTO DE CARVALHO



Impressões Semanaes

Domingo ultimo esvairam-se no ar calmo os derradeiros eco da semana santa... Depois da prisão, condenação, morte e resurreição de Jesus, a Virgem foi jubilosamente coroada, entre psalmos melo diosissimos e espiraes d'incenso mais macias que veludo... Depois da victoria régia do Filho, a consagração da Mãe dolorosa e sobre todas amavel...

Para os orações que se abeberam na lymphá estreme da Fé, esses dias sagrados constituem uma forte lição de encorajamento, quando, depois de longos meses de tumultuosa peleja na arena do mundo, a Igreja os obriga a meditarem acerca da origem e do fim do homent. As almas acendradas á clara chamma da Crença como que ainda mais se saturam de santidade e mais se aconchegam aos principios religiosos sobre os quaes parece assentarem as suas razões de ser.

Mas também são esses dias uma formidavel tortura para os que suspiram por uma crença que os conforte e encoraje, sem poderem alcança-la. As frias investigações analyticas da positiva Sciencia estrangulam-lhes na alma aquella simplicidade que, como terreno facil ao receber a fecunda semente, acolhia os dogmas, os comprehendia, os amava, fazendo-os fructificarem com pasmosa abundancia de acções virtuosas.

O homem positivo (o *impio*; no dizer orthodoxo) sabe que pratica o bem quando pratica este ou aquelle acto bom; mas, por desgraça, elle não pôde achar alegria em pratical-os. Pois não recommenda Paulo de Tharso que «tudo que faças fazei-o em nome de Deus»? O *impio* não no pôde fazer...

O crente pratica o bem porque lhe ensinaram que, agindo assim, será galardoado nos céus; mas, onde encontrará o *impio*, galardão para as suas acções boas?

Na paz da propria consciencia? Mas, não está ella conturbada pela ressecante ventania das analyses implacaveis?

Ser virtuoso, na mais alta accepção religiosa da palavra, é calcar aos pés o Mundo. Quem se julgar sufficientemente encorajado para essa empresa, si não lhe disserem que, feliz ou não na tentativa, sempre encontrará depois o premio de seus esforços?

Como o *impio* não tem quem lhe faça crer nesse futuro premio, continúa a praticar o bem com a fria indifferença de quem praticaria o mal com igual desprendimento--si o Mal, por uma solavancada transposição dos valores moraes e immorales, fôsse erigido em unica e luminosa virtude...

Mas o leitor, nesta altura,--si è que subiu até

cã,--descansará o Olho sobre os joelhos, perguntando: --«Afim de contas, a que vem toda essa lenga-lenga?»

O chronista mesmo o não sabe.

Quem compra uma revista exige que se lhe deem coisas frescas, lavadas, bem leves, á maneira de alimentação naturista (com licença de Laercio Caldeira...) Nunca, porém, essas tiradas infindas, elegiacamente tristes, a proposito da morte de um nazareno, que um dia sonhou amolecer o pétreo coração humano e afim, arrastado no turbilhão do seu sonho de infinita bondade, foi acabar numa cruz, entre dois facinoras, com a face voltada para o poente--onde o sol morria como uma papoula rubra que fenece...

Ah! E' porque o desavisado leitor não sabe que coisa é ser chronista nesta terra! Diz-nos Suetonio que o imperador Domiciano, quando não tinha nada que fazer, divertia-se a fugar moscas com um estylete d'aço. Ora, o chronista em Florianopolis, na carencia de assumptos *chronicaveis*, procura matar o tempo e cumprir a sua obrigação--fiscando frivolidades...

Flamma-Rion

O café amargou

I ACTO

Mlle. reúne a genie de casa em concelho de familia. Elle é máo, muito falso; não sabe corresponder á affeição de Mlle. Mlle zanga-se. Um ultimatum. Explicação insufficiente. Briga formidavel.

II ACTO

Entra o amigo. *Jujú* faz luz sobre o facto. Mlle. satisfeita com o resultado, caprichosa e lindinha, dispõe-se a não acreditar. De *commun accordo*, resolvem esquecer o passado. Mlle. tem uma gargalhada afiadissima, em *mi*, aliás *nota* em que nem todos afinam.

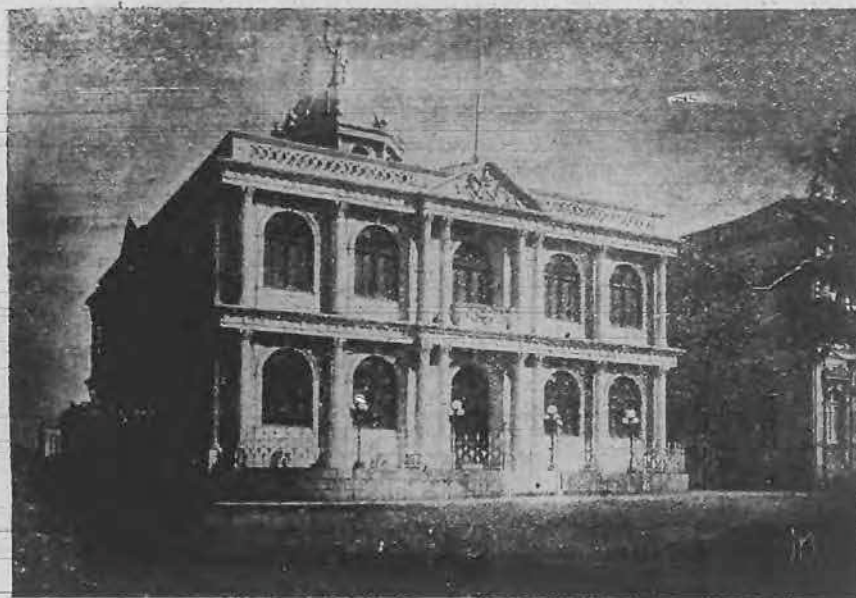
III ACTO

Pazes. Beberricando um refresco, muito intimos e contentes, elles gosam, á Dellile, a recordação bohemia do café da madrugada, na sordidez silenciosa d'aquella tasca escusa.

Tão quentinho e gostoso que estava!

Tão amargo que foi á Mlle.

Exposição Escolar



No palácio do Congresso Representativo, em oito vastos salões, a 20 de Março, foi inaugurada pelos Exmos. Drs. Cel. Felipe Schmidt e Fulvio Aducci, a 3.ª exposição escolar, promovida pelos grupos escolares e escolas complementares do Estado.

Essa exposição, sem exagero, foi visitada por mais de cinco mil pessoas.

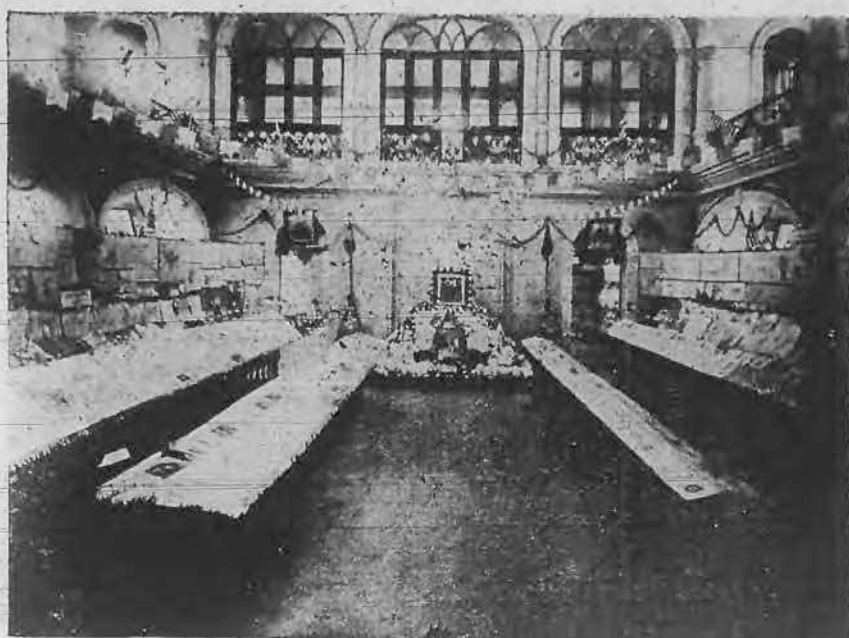
Palácio do Congresso Representativo

Da direita para esquerda, sentados: Professor Orestes Guimarães, inspector geral do ensino; Dr. João de Abreu, inspector tecnico; Professor Arlindo Chagas, director do Grupo Escolar Luiz Delfino, em Blumenau.

Da direita para a esquerda, de pé: Professor Henrique Midon, director do Grupo Escolar Victor Meirelles, Itajahy; Professor Julio Machado, director do Grupo Escolar Conselheiro Mafra, Joinville; Professor João Areão, director do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna.



Funcionarios da Instrução Publica



Uma das salas da exposição escolar de 1916

Na sala acima, estiveram expostos os artefactos apresentados pelos grupos escolares Victor Mérelles, Conselheiro Mafra e respectivas escolas complementares, vencedores no concurso pedagógico.

Para que melhor se avalie o que foi a nossa exposição escolar, além das desenvolvidas notícias dos nossos colegas, ainda acrescentamos esta: o numero dos objectos expostos ultrapassou a seis mil e o Jury, composto de treze membros, para os confrontar, trabalhou tres dias, das 10 ás 15 horas.

HA quem affirme que sò se ama para a primeira noite do casamento, e quem sustente que o casamento foi inventado só para se avaliar quão preciosa é a vida de solteiro.

No entanto, ou solteiro ou casado, ninguém está còntente. Queixa não haveria si o Creador, com tão mau gòsto, nos primeiros dias do mundo, não se tivesse aproveitado do somno do Homem para arrancar-lhe da costella essa creatura absurda que é a Mulher.

E' ella quem attrae os solteiros e entedia os casados. ... Melhor seria que continuasse apegada à costella do homem, como um kisto!

Flamma-Rion

LYCEU

3 DE MAIO DE 1883

O Lyceu de Artes e Officios desta Capital, foi inaugurado a 3 de Maio de 1883, pelo então presidente da Provincia dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, sendo seu primeiro director o capitão-tenente Francisco de Paula Senna Pereira da Costa,

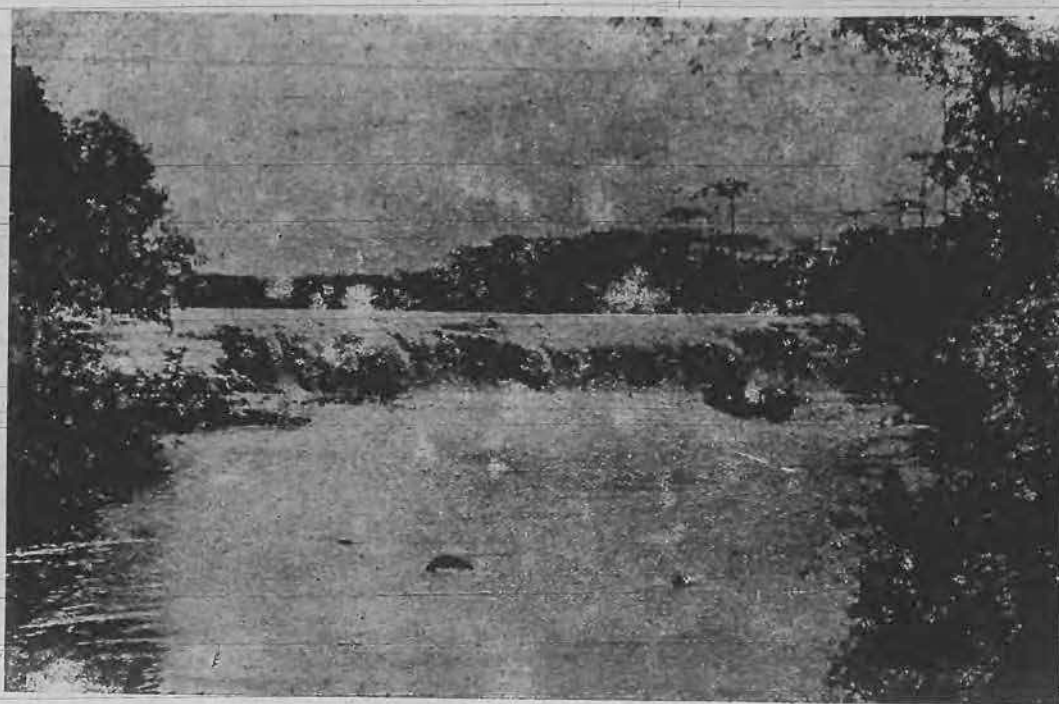
Conta, pois, o Lyceu, nesta data, 33 annos de existencia.

Actualmente o Lycen tem como seu Director, o Sr. Major Manoel dos Santos Lostada,

Pelos lares

O Juquinha está mais revoltoso que nunca, e o pae debalde lhe ralha para que não faça barulho.
---Quantas vezes já tenho dito que te cales?
---Sete, papà.

Hontem festejou o seu anniversario natalicio o joven Tizianinho, filho do nosso dedicado companheiro sr. Tiziano Bazadona, digno professor de Desenho do Escola de Aprendizizes Artifices.



Payzagem

A subida do rio

De tarde. A' beira mar, Aureo tendão flumante
Orla o verde matiz das altas serranias.
Das nuvens, sob o azul damasco, as louçanias
Vão mudando, do occaso, o aspecto, a cada instante.

Vamos, a estrada é calma... escuta as litanias
Do crepusculo.---Não vês? no solo, á luz distantes
As nossas sombras juntas vão fugindo adeante
Como, depois de um sonho, as leves phantazias...

É a Noite sobre a terra estende o véo--nascença
Cada estrella semelha a um nenuphar abrindo---
Enorme, pouco a pouco, os vultos envolvendo...

Subito, èbria de Luz, a Lua vem surgindo,
Entre nuvens fianj das, brancas, parecendo
Uma reliquia de ouro, entre algodão fulgindo...

Janeiro, 1916

João CR&SPO

Vamos subindo o rio...--a quilha audaz, supporta
As fortes pulsações das machinas possantes.
E qual bizarro a'fange, as verdes ondas corta.

E' tarde. O meu olhar, anda a seguir, distantes,
As miragens do aspecto:--as mutações... já morta
A propria força-luz, nas margens verdejantes.

Sentemo-nos. Ouvindo as vozes da corrente,
Curvam a loura fronde os velhos espinheiros...
Espalham-se, do occaso as cinzas do poente
Como, n'um quadro antigo, os lumes derradeiros.

É nisto, ao lume d'agua, excentrica, de frente,
Emergindo do rio os lares prasenteiros
Blumenau apparece, em curva, de repente
Concentrada e feliz, na tarde, entre espinheiros

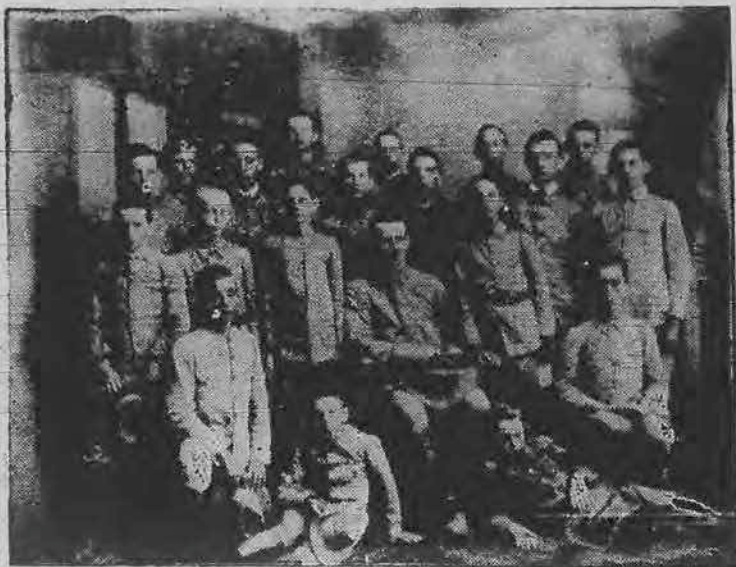
Blumenau, Março de 916

João CR&SPO

BIBLIOTECA CENTRAL

Os scoteiros

Louvres não negaceou a imprensa diaria local a turma de scoteiros, vinda de Blumenau. Verdade verdade, não foram injustos os elogios aos jovens teutos. Dó, no entanto, nos causou o ver nascer, crescer, viver, desenvolver-se, dentro da propria patria uma geração estrangeira forte e moça e emprehendedora. Florianopolis *muito* *ponida*, Brasil *muito* *por*; é tudo que diziam os alumnos da *Neue Deutsche Schule* de Blumenau, á excepção de dois ou tres filhos de familias brasileiras que, para as necessidades futuras do *struggle for life*, adquirem conhecimento da lingua allemã.



E' um facto que merece acurada attenção dos governos, este da imigração germanica, sem duvida factor importantissimo para o nosso progresso, mas que, intransigentemente, não se amolda aos nossos costumes, aos nossos habitos, procurando falar a lingua que falamos, adaptando-se ás condições do meio.

Toda a influencia intellectual que recebem, em vez de ser resultado do nosso progresso artistico, politico ou economico, é o producto do adeantamento intellectual da Alemanha, importado em livros, revistas, jornaes e ministrado nas escolas. E tudo isto com o nosso tacito conhecimento e approvação. Blumenau, especialmente, é das colonias teutas do Estado que a se tem mostrado a mais terrivel inimiga da obra meritoria da propagação da instrução nacional, magnificamente continuada pelo Cel. Felipe Schmidt, a quem o patriotismo dos catharinenses em boa hora collocou á frente da administração estadual.

O grupo Luiz Delfino, edificado á maneira dos outros existentes no Estado, possuidor de um corpo docente escolhido e caprichoso, obdecendo á direcção do pedagogo Arlindo Chagas, sofre a concorrência quasi invencivel das escolas mantidas pelo governo allemão naquella cidade, quer catholicas, quer protestantes.

E, infelizmente, o governo sente-se impotente e fraco para vencer a difficuldade, e os resultados obtidos não são satisfactorios nem compensam os esforços do Estado.

Emfim, «agua mole...»

Levamos o nosso applauso á turma de scoteiros

blumenauenses, catharinenses, brasileiros, pelo modo com que tratam a educação physica.

Não podemos, no entanto, deixar bem patente o nosso protesto, por isso de precisarem de interprete nas visitas que fizeram aos quartéis e repartições publicas.

O nosso estimado conterraneo, sr. Gustavo da Costa Pereira teve a gentileza, que muito agradecemos, de nos enviar um exemplar da «Revista do Commercio e Industria de São Paulo».

A revista que temos sobre a mesa de trabalhos é uma fonte de informações uteis ao Commercio e á Industria e por isso recommendamol-a com o maximo interesse aos nossos commerciantes e industriaes.

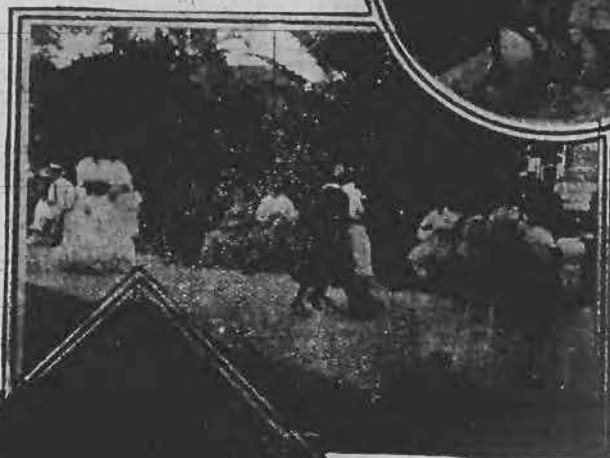
Da Associação Commercial de Joinville recebemos delicada circular nos communicando a eleição da nova directoria dessa importante Associação.

Identicas communicações recebemos das distinctas sociedades desta capital União dos Proprietarios e Caixa Beneficente dos Empregados no Commercio.

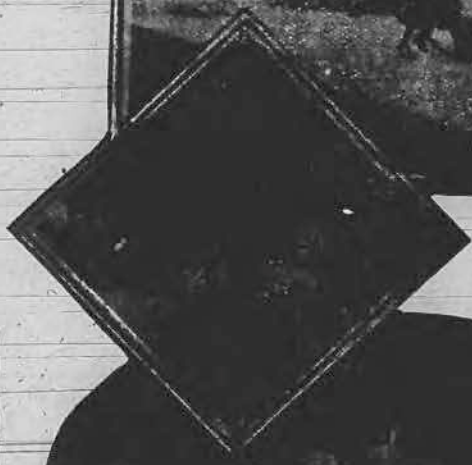
Somos gratos á gentileza das nommunicções e fazemos votos pela prosperidade de tão uteis Sociedades.

A digna directoria do sympathico "Club Concordia" manifestamos a nossa gratidão pela remessa que nos fez de um exemplar dos seus estatutos.

Florianópolis em flagrante



I Um grupo de interessantes meninas Picucha Moreira Gomes e Olga Vian.
II Sta. Ondina Perre, Sta. Fanny Treska e a Família do Sr. Julião Gagego.



III Um elegante grupo de Stas. e meninas, destacando-se as Stas. Coralia Cidade Maisner e Goulart.

IV Stas. Coralia Maisner e Goulart. Interessantes meninas filhos do Sr. Julio Moura que também foi capturado pela kodack d'O OLHO.

Trepações

Florianópolis infantil

Não dê muito crédito, Mlle., às varias promessas do seu saudoso doutorando. Elle é tão falso nestas cousas de amor, tão facil em prometter as cousas, que não seria muita surpresa vermos ruirem todos os castellos dourados que Mlle. toda saudade e constancia tem architectado na solidão desta ausencia que a medicina obriga.

Mesmo aqui, Mlle., elle dizia à terrivel rival de Mlle., que gostava muito dos olhos azues, dos cabellos louros e Mlle. é tão morena, tem olhos bem negros e os cabellos cor d'azeviche.

Creia, Mlle., que não será milagre de Lourdes ter, breve de renunciar os seus sonhos tão tardamente dourados.

Logo agora, Mlle., que a seára do amôr começava a produzir os fructos tão desejados por Mlle. e que tudo parecia correr num mar de leite, bonançoso e claro, é que surge aquelle horrivel contratempo que tanto mal fez aos caprichos de Mlle. tanto commentario provocou nas suas todas intimas e amigas. Fez-me dó, muita pena mesmo, a espera longa e anciosa, té ás onze da noite, por detraz dos vidros da janella, oíças bem attentas a qualquer ruido, a todo fononar d'automovel. E o *miminho* lá estava em roda alêgre de amigos alegres, numa bulhenta bambochata.

Estava fazendo despedidas á vida, creia Mlle.

Mal sabe o candido e elegante mocinho, todo candura e amôr, o valor d'aquelles olhinhos pretos de Mlle., que tão ardentemente procura conquistar. E' que Mlle. é muito certa da sua grande belleza e fino espirito e acha que o homem não vale pelo padrão berrante da casemira ou pela arte do alfaiate da moda. Mlle. crê que o menino esteja perdido d'amôres, todo paixão e caricia, mas quer que elle o diga d'outra forma, menos burgueza, mais elegante, em phrase talhada na mesma altura artistica que o terno inglez *up-to-date*. E o mocinho não sabe!! Infeliz paixão!

---Como foi pergunta alguém a um velho millionario retirado do commercio, que conseguiu juntar tão grande fortuna?

---Muito simplesmente, replicou o argentario:--- fiz de rico enquanto fui pobre, e de pobre depois de ser rico.



Grupo de dilectos filhos do nosso prezado companheiro de trabalhos, Sr. Joaquim Margarida.

O futuro de um filho, dizia Napoleão, é sempre obra de sua mãe.

---Onde vae o senhor com esta immensa chuva, e assim a correr?...

---Onde hei de eu ir? Vou a casa buscar o guarda-chuva, que me esqueceu!...

A sabedoria humana é proxima parente da duvida humana

Ao diabo e á mulher, nunca lhes falta que fazer.

O bom senso,---dizia Sterne,---é o porteiro do espirito. O seu officio é não deixar entrar nem sair, idéas suspeitas.

---Então meu filho, já que queres ser militar, que arma escolhes? Engenharia, artilharia...

---Nenhuma d'essas, papá; escolho a cavallaria, que é para poder fugir mais depressa.

Trepações

Florianópolis infantil

Não dê muito crédito, Mlle., às varias promessas do seu saudoso doutorando. Elle é tão falso nestas cousas de amor, tão facil em prometter as cousas, que não seria muita surpresa vermos ruirem todos os castellos dourados que Mlle. toda saudade e constancia tem architectado na solidão desta ausencia que a medicina obríga.

Mesmo aqui, Mlle., elle dizia à terrivel rival de Mlle., que gostava muito dos olhos azues, dos cabellos louros e Mlle. é tão morena, tem olhos bem negros e os cabellos cor d'azeviche.

Creia, Mlle., que não será milagre de Lourdes ter, breve de renunciar os seus sonhos tão tardamente dourados.

Logo agora, Mlle., que a seára do amor começava a produzir os fructos tão desejados por Mlle. e que tudo parecia correr num mar de leite, bonançoso e claro, é que surge aquelle horrivel contratempo que tanto mal fez aos caprichos de Mlle. tanto commentario provocou nas suas rodas intimas e amigas. Fez-me dó, muita pena mesmo, a espera longa e anciosa, té ás onze da noite, por detraz dos vidros da janella, oiças bem attentas a qualquer ruido, a todo fonfonar d'automovel. E o *miminho* lá estava em roda alêgre de amigos alegres, numa bulhenta bambochata.

Estava fazendo despedidas á vida, creia Mlle.

Mal sabe o candido e elegante mocinho, todo candura e amor, o valor d'aquelles olhinhos pretos de Mlle., que tão ardentemente procura conquistar. E' que Mlle. é muito certa da sua grande belleza e fino espirito e acha que o homem não vale pelo padrão berrante da casemira ou pela arte do alfaiate da moda, Mlle. crê que o menino esteja perdido d'amôres, todo paixão e caricia, mas quer que elle o diga d'outra forma, menos burgueza, mais elegante, em phrase talhada na mesma altura artistica que o terno inglez *up-to-date*. E o mocinho não sabe !! Infeliz paixão!

---Como foi pergunta alguém a um velho milionario retirado do commercio, que conseguiu juntar tão grande fortuna ?

---Muito simplesmente, replicou o argentario:--- fiz de rico enquanto fui pobre, e de pobre depois de ser rico.



Grupo de dilectos filhos do nosso prezado companheiro de trabalhos, Sr. Joaquim Margarida.

O futuro de um filho, dizia Napoleão, é sempre obra de sua mãe.

---Onde vae o senhor com esta immensa chuva, e assim a correr?...

---Onde hei de eu ir ? Vou a casa buscar o guarda-chuva, que me esqueceu!...

A sabedoria humana é proxima parente da duvida humana

Ao diabo e á mulher, nunca lhes falta que fazer.

O bom senso,---dizia Sterne,---é o porteiro do espirito. O seu officio é não deixar entrar nem sair, idéas suspeitas.

---Então meu filho, já que queres ser militar, que arma escolhes ? Engenharia, artilharia...

---Nenhuma d'essas, papá; escolho a cavallaria, que é para poder fugir mais depressa.



27 annos na selva

Iniciamos hoje a publicação de alguns capitulos desse livro, escripto pelo tenente Gomes que, durante 27 annos, viveu entre a tribu dos Baicarys, que habitam parte do extenso territorio do rico estado de Matto Grosso.

Para essa publicação chamamos a attenção dos nossos leitores, pelos interessantes episodios que contém.

Eis o primeiro capitulo:

A minha entrada na selva

Em 1861, cansado de viver no meio de uma sociedade cheia de preconceitos e convenções, resolvei abandonal-a, procurando na selva lenitivo às attribuições de meu espirito.

Achava-me então em Cuyabá.

Parecia-me que entre os aborígenes de meu paiz, longe do bulicio do mundo, sem as preocupações que absorvem o homem moderno, teriam fim meus incommodos moraes.

Viver na selva era uma idéa que me não abandonava.

Depois de ter percorrido diferentes logares a E. de Cuyabá fui ter á tribu dos Baicarys, cujo aldeamento estava situado á uma legua da margem direita do Rio Novo.

Longe de se mostrarem surprehendidos com a minha appareição---os indígenas me receberam com affabilidade, como si fossem um povo civilisado.

Falavam elles muito mal o portuguez, mas ao trocar as primeiras palavras, me convenci de que me achava no meio de uma tribu mansa e hospitaleira.

Apresentado ao chefe indicou-me este um pequeno assento, collocado no aceiado terreiro, mandando vir depois grande beijú de alva massa de mandioca e um pedaço de carne de capivara, extremamente gorda.

Estando com appetite, saboreei com satisfação o que me offereciam.

Depois o chefe, fazendo-me entrar n'uma pequena casa coberta de palha, indicou-me uma rede de macio algodão, urdida de tralhas, tomando elle outra a pequena distancia e na qual se encostou garbosamente.

Assim accomodado deu começo á conferencia, inquirindo meu nome, a causa de minha visita a logares tão remotos e as minhas intenções.

Satisfiz todas as perguntas e de maneira tão feliz, que o selvagem não poudesconder a alegria que minhas palavras haviam lhe causado.

De-larei tambem que jamais abandonaria o aldeamento de que elle era chefe, fazendo-lhe entrar no pleno conhecimento das cousas do mundo civilisado e proporcionando-lhe melhor futuro por meio da educação moral.

Jubiloso levantou-se e fazendo chamar a tribu apresentou-me todo o pessoal, composto de homens, mulheres e creanças.

Entre os primeiros havia tres sexagenarios e, entre as mulheres, uma nonagenaria alta, magra, de movimentos ligeiros.

Era a decana da raca dos Baicarys d'aquellas regiões e mãe do chefe do aldeamento.

Todos me fitavam e, pelas palavras, incompreensíveis para mim, que o cacique lhes dirigia em fórma de discurso, notava o contentamento que ellas produziam no espirito dos indígenas, entre os quaes ia eu, desde então, viver.

Findo o discurso e a um signal do chefe---todos se retiraram.

OS DIAS QUE PASSAM...

Volto á actividade das ruas o Catharina, o homem dos discursos violentos, o philosopho pândego das conclusões de rir...

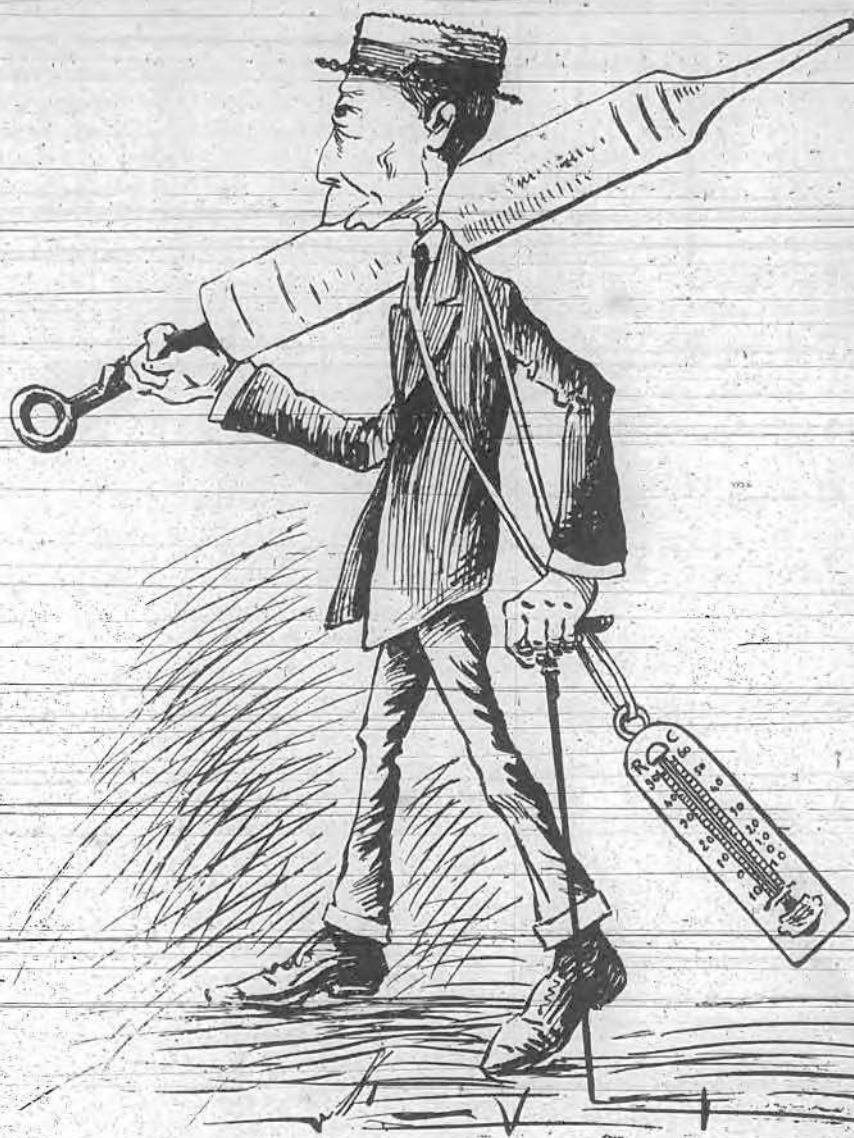
Uma temporada em Biguassú, outra aqui, e assim vae elle vivendo, gritando, cheio de pinga e de odios.

Está velho, porém, o Catharina. Barbas brancas arredondam-lhe a cara; donde espiam penetrantes e pequeninos dous olhos que se acostumaram a ver o mundo ás avessas, aos trancos e balanços.

O Catharina, continua ainda a viver a vida de interrogações, de apostrophes e de gritos: o mesmo ex-official de justiça, fazendo valer aos berros os seus pergaminhos forenses, o mesmo gritador da justiça, o imprecador incançavel «da verdade amarrotada», o homem extraordinario que faz dum humilde meirinhão, que occupou, a razão de ser do seu orgulho, o thesouro da sua vida, a sua gloria, o seu triumpho de viver.

Sempre pingado, concluindo, discursando, o Catharina é um ponto de hilaridade que se desloca pelas ruas, arrastando uma velhice amarga e dizendo a todos entre gestos largos e apertos de mão que elle, João Paulo de Almeida, é «o mais illustre dos officiaes de justiça que nasceram, morreram e hão de nascer».

Coitado delle!



Os nossos medicos

Antes o Piano...

(RENE' BURES)

Na rua em que móro, quando passa uma caruagem, é um acontecimento. Em se ouvindo o estalido de um chicote, cada morador chega á janella. Ali se vêm homens graves levando cães a passear. Ha creanças brincando na calçada. Parece bem uma via de meio provinciano.

Escolhi com rara felicidade a minha casa. Sò tem dois andares, é tão pequena, tão baixa, que parece, entre tantos sobrados altos, uma menina perdida na multidão. Não avaliam como eu era feliz: podia ler, dormir e trabalhar, sem que nenhum trabalho excetsivo me offendesse os ouvidos.

Quando a noite era linda, achegava-me para a janella puxando uma poltrona. Apenas um vehiculo tardo passava ao longe. A palmeira anã da porteira sacudia ao vento nocturno a poeira do dia. «Ditoso, pensava eu, o homem sabio que não passa a sua



vida nos cafés, no meio dos bebedores falladores! Lividos noctambulos, porque não tendes, assim uma poltrona confortavel, perto de uma pequena janella aberta para uma rua pacifica?»?

* *

Ora, outro dia à noite, mal me havia instalado, um ronco medonho, seguido de soluços e assobios encheu o ar, e uma voz sobrehumana falou nestes termos:

Ah! não sondeis o coração feminino!

Prazer buscai num amoroso abraço (bis).

Mas não sondeis o coração femi...i...neol

---Este bebedo, disse de mim commigo, que canta ao ar livre, a dez horas, não poderia dar-me os seus conselhos em tom menor? Bem se diz que não ha mais policia.

E espichei a cabeça para ver se descobria o cantor. Mas não avistei. E comprehendí, de repente, que a desgraça pousava sobre a minha fronte as suas mãos geladas. Os vizinhos fronteiros tinham comprado um phonographo!

Ah! elles não tinham, como se costuma dizer, poupado despesas. Nunca ouvira eu phonographo tão atroador. Com certeza é o que ha de melhor no genero. Depois de ter defendido o «coração femineo» elle affirmou com gritos, selvagens:

Ah! lamentai os zelosos!

Que são loucos furiosos:

Elles só fazem chorar

A's que mais devem amar.

E tendo dito isto, o phonographo feminista calou-se um momento. E concebi a esperanza de que tivesse quebrado qualquer cousa. Porém, novos soluços, seguidos de assobios, fizeram-me logo saber que estava enganado. Com effeito, ouvi successivamente que sahindo de um bosque elle tinha encontrado tres raparigas, todas tres bonitas, e que elle ama todas tres. Que algumas vezes, alçando os olhos, elle avista no céu uma estrella, e que os primeiros juramentos trocados entre amantes são cheios de promessas. Finalmente, celebrou os encantos da bella moleira do moinho:

Ah! Ah! o bello moinho
do moleiral!

Ah! Ah! a bella moleira
do moinho!

Não imaginam com que sardonico furor este phonographo ruge estes «ah! ah!» E depois, conta toda uma historia. Ama a moleira, A moleira é muito rica. «E então, diz elle, para afogar o meu desgosto vou me atirar ao rio»...Atira-te phonographo, atira-te já!

Tendo soffrido uma semana solitariamente, exhalado minha raiva em monologos inuteis:

---Já sei, disse eu, o que devo fazer. Mudo os moveis do meu gabinete para sala de jantar, que deita para o pateo. E assim não ouvirei mais que um fraco echo, um fraco e supportavel echo destas insupportaveis canções.

Mas, dois dias depois acontece que os vizinhos do lado, invejosos da musica dos outros fronteiros, empregaram elles tambem, as suas economias na compra de um phonographo. Vê-se que esses são pessoas sizadas, convenientes e consideradas. O seu instrumento executa a *Trompa, Berceuse de Jocelyn*, a *Serata do rei d'Ys*, em summa, árias bem classificadas, reconhecidas como esplendidas após maduro exame. Alás, este não é inferior em força ao primeiro.

Portanto, quando eu janto me recordam que o som da trompa é triste no fundo dos bosques, ou me convidam instantemente a dormir:

Dorme! dorme! o dia após a noite.

Só de noite, phonographo, só de noite! Querers tu?

A' sobremeza, persuado-me de que o amor é filho da bohemia que jamais conheceu leis. Depois do que, passo ao meu gabinete para tomar o café, e aprecio os encantos da bella moleira do moinho bonito, e consolido a resolução de não interrogar o coração da mulher. Vou me deitar ao som de um *Allegro* executado «pela musica da guarda republicana». E, estendido na cama, ouço certificarem-me que desejam passar a vida junto da minha porta fechada.

Ai de mim! Lembro-me de ter tido outr'ora por vizinhas tres damas encantadoras, que possuíam um piano. Nesse piano, desde que amanhecia, ellas tocavam um *nocturno* de Chopin. Sempre o mesmo nocturno tão difficil. A's vezes, para descansar, cantavam:

«Teus olhos pallidos,
Teus olhos em flôr,
a agua que passa
é da mesma côr.»

E cantavam tambem: «Tu me disseste: nossos olhos se parecem; são da mesma côr azul...» Sabe Deus o odio que eu tinha ao piano, ás tres damas e ás suas cantigas. Hoje, estou arrependido. Quem me dêra o piano, pelo amor de Deus.

Estou disposto a sublocar a casa em que moro, Cedo-a pela metade do preço, até de graça.

Não haverá quem queira?